

# SER CONTRÁRIO A “BISPAS” E “PASTORAS”: ALGUNS EFEITOS DISCURSIVOS DE FORMAS MARCADAS DE CITAÇÕES

Érika de Moraes

Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
erikademoraes@hotmail.com

**Abstract.** *This paper proposes a discussion about the ways of marking “others voices” in the discourse, using graphic resources like the quotation marks. We consider specially the J. Authier-Revuz's questions about the marks of the heterogeneity. Guided by the French branch of Discourse Analysis theoretical perspective, we propose a reading of a letter from a newspaper's reader, published on a newspaper of Bauru (SP), that shows a content that disparages the woman, and also of an other letter that reply the first one.*

**Keywords.** *discourse; author; heterogeneity.*

**Resumo.** *Este trabalho parte das discussões a respeito das formas marcadas de citação no discurso, considerando primordialmente as inquietações de J. Authier-Revuz a respeito das marcas de heterogeneidade mostrada. Propõe-se a leitura, à luz do respaldo teórico da análise do discurso francesa, de uma carta de leitor publicada num jornal da cidade de Bauru (SP), cujo teor é machista, bem como de uma segunda carta que responde a primeira.*

**Palavras-chave.** *discurso; autor; heterogeneidade.*

## 1. Introdução

Este artigo toma como ponto de partida as discussões a respeito das formas marcadas de citação no discurso, considerando primordialmente as inquietações de J. Authier-Revuz (1982, 2004) a respeito das marcas de heterogeneidade mostrada.

Sabemos, com Authier-Revuz, que todo discurso é heterogêneo e que as formas de marcação da heterogeneidade são um modo de o sujeito produtor representar a unidade discursiva, na tentativa de construir a linearização que todo texto exige. Se alguns trechos aparecem marcados (aspeados, destacados), o efeito que se produz é que o restante, o não-marcado, pertence ao sujeito produtor do discurso, o que caracteriza a ilusão subjetiva de que fala Authier-Revuz. Esse sujeito teria (ou representar-se-ia como tendo) um certo domínio quanto ao controle das “vozes” presentes em seu discurso.

Se já é um fato consumado que, segundo os pressupostos teóricos da análise do discurso francesa (doravante, AD), os sujeitos não são autores plenos de seus discursos,

também é sabido que, quanto menos um texto se apresenta como monofônico e dá espaço, dentro de sua própria construção de linearidade, a outras vozes, mais esse texto se aproxima do que poderia ser chamado de “um texto com autoria”, com todas as ressalvas que a noção de autoria possa provocar. Possenti (2002) propõe duas interpretações diferentes sobre os enunciados que apresentam representações do discurso do outro. Uma delas seria concordar com Authier-Revuz em que se trata de um sintoma da ilusão subjetiva do sujeito. Outra possibilidade é considerar que os sujeitos marcam aquilo que é mais problemático – ou mais relevante – no discurso, o que significa que o discurso pode decorrer de um *trabalho sobre outros discursos* (Maingueneau, 1987, p. 120), sem se considerar, obviamente, que o enunciador que *trabalha* o seu discurso seja a origem e fonte do dizer. Tal idéia pode ser pensada por meio de um exemplo de Maingueneau (1987, p. 96): em um pronunciamento, o presidente francês François Mitterrand destaca a necessidade de “*um crescimento sadio, isto é, sem inflação...*”. A expressão “*crescimento sadio*” poderia ser explicada de outra maneira, por exemplo: “*crescimento sadio, isto é, sem desemprego*”. A glosa demonstra que a escolha de um elemento a ser explicitado caracteriza a posição discursiva de quem fala o enunciador. E, como consequência, denota quais elementos merecem ser problematizados segundo essa posição. Não se marca a palavra “crescimento” porque seu sentido não está em questão nesse contexto, mas sim a palavra “sadio”, pois essa mudaria de sentido conforme a posição que o sujeito enunciador quisesse sustentar.

Um outro caso exemplificado por Possenti (2002, p. 85-6) é o seguinte: em uma reunião de professores de pós-graduação, fala-se dos alunos desligados, (*ou seja, que perdem sua ligação com o curso por terem ultrapassado o tempo máximo permitido pelo regulamento*). É por essa razão que o comentário de um coordenador requer a seguinte explicação: “*temos problemas com os desligados – desligados no sentido de que não ligam para o programa...*”. O exemplo mostra que não se problematiza (portanto não se marca) aquilo que não é relevante num dado discurso, numa dada circunstância. A hipótese de Possenti (*ibid*, p. 84) é que “os processos metaenunciativos são efeito *simultaneamente* do interdiscurso e das circunstâncias”.

### 3. As marcas de citação em duas cartas de leitores de jornal

Tendo em vista essas breves considerações a respeito das marcações de heterogeneidade mostrada no discurso, propomos a leitura, à luz dessas discussões, de duas cartas de leitores publicadas na seção *Tribuna do Leitor*, no *Jornal da Cidade*, jornal que circula em Bauru (SP) e região, com tiragem considerada ampla para os padrões do interior (26 mil exemplares em dias úteis, 33 mil exemplares aos domingos). Tendo situado o presente trabalho no quadro teórico da AD, vale ressaltar, ainda que de maneira muito breve, que subjaz à presente análise a concepção de sujeito (e autor) segundo a perspectiva dessa teoria. Assim, analisam-se os *discursos postos em circulação* por leitores de um jornal, por meio de uma seção de cartas, sem considerar que os “autores” dessas cartas sejam a origem e fonte de seu dizer. Segundo a AD, não se considera que os sujeitos tenham consciência transparente sobre seus discursos e identidade estável, prefere-se falar em “lugares” enunciativos, enfatizando a *preeminência e preexistência da topografia social sobre os falantes que aí vem se inscrever* (Maingueneau, 1987, p. 32).

A carta do primeiro leitor em questão (D.R.) tem o título *Pastora? Bispa?* e foi publicada em 13/02/2005. Em princípio, o título chamou-nos a atenção por se assemelhar a uma daquelas colunas de língua portuguesa em que se discutem regras de norma padrão, também conhecidas como regras de “bom português” ou “português culto”. Pelo título, podia-se pensar que o texto tratava de gênero, no sentido gramatical do termo, mas a leitura logo mostrou que a carta punha em circulação um discurso de teor machista, discorrendo sobre um outro tipo de gênero (acredito, no entanto, que a carta mantenha um traço em comum com algumas colunas ditas de “bom português”: o tom autoritário). No primeiro período, a carta aspeia as denominações “pastora” e “bispa”:

Andando por Bauru, tenho visto as denominações “pastora...” ou “bispa...” para coordenadoras de igrejas das mais diferentes denominações religiosas.

Essas aspas indicam um afastamento do enunciador em relação a essas palavras, que não pretende assumir em seu discurso. Em contrapartida, aquilo que não é destacado é assumido pelo enunciador, seja como representação da ilusão subjetiva (Authier-Revuz) ou como demonstração daquilo que, ao enunciador, não parece problemático no discurso (Possenti). As palavras aspeadas são as mesmas postas em questão no título da carta. É válido ressaltar que, embora publicado num jornal, o gênero “carta de leitor” não está submetido às mesmas regras de padronização impostas pelos manuais de redação das empresas jornalísticas. Assim, o leitor poderia, em tese, fazer uso à vontade dos mais variados recursos gráficos de marcação de heterogeneidade (negrito, itálico, sublinhado) (contudo, se o fizesse abusivamente, o jornal poderia não manter todas as marcações na publicação). Também, pelas características do veículo de comunicação específico, há indícios de que a carta em questão não tenha sofrido cortes para a publicação. São indícios disso: a) o espaço para publicação de cartas de leitores é relativamente grande no jornal em questão, comparado a jornais da Capital, como *Folha de São Paulo* ou *Estado de São Paulo*. O *Jornal da Cidade* chega a publicar uma página inteira de cartas de leitores durante três dias da semana; b) embora não esteja descartado que as cartas possam sofrer cortes, o *Jornal da Cidade* publica cartas de tamanho maior do que essa em questão, o que significa, em tese, que somente cartas bem maiores sofram algum corte.

Em seguida, o texto traz citações diretas (em discurso direto) de duas escrituras bíblicas:

Na Bíblia Sagrada não há referências a cargos no Cristianismo com estas denominações. No livro de Gênesis, capítulo 26, versículo 9, há a citação: “quando chegou Raquel com o rebanho do seu pai, porque era pastora” (atividade rural). Já no Livro de Romanos, capítulo 16, versículo 1, Paulo diz, textualmente: “Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que é diaconisa da igreja de Cêncris.” A atividade da mulher na Igreja de Cristo é limitada a essas citações.

Cabe a nós, leitores da carta, acreditarmos que o escrevente leu a bíblia toda, já que assegura que a atividade da mulher na igreja *fica limitada* àquelas citações. As citações bíblicas visam dar credibilidade ao texto.

Entre parênteses, o enunciador marca uma explicação para eventuais leigos: segundo ele, a palavra “pastora”, na bíblia, tem significado diferente daquele da palavra cujo uso o enunciador contesta. O problema não está com a palavra, desde que esta seja

usada como sinônimo de atividade rural; o problema estaria com um uso específico dessa palavra, vinculado a um certo sentido. Em outros termos, o enunciador não demonstra incômodo quanto ao fato de a mulher poder exercer uma atividade rural, mas com o fato de a mulher poder ocupar uma posição de relevância dentro da igreja. É o que o escrevente procura deixar mais claro na seqüência:

Como o poder inebria, hoje algumas mulheres que têm o poder econômico ou influência espiritual sobre o povo de Deus se autodenominam pastoras e bispas, contrariando os ensinamentos da Sagrada Escritura (Antigo e Novo Testamento). Fiquemos alerta para o uso da palavra de Deus por quem não recebeu este privilégio sagrado! (D.R.) (os sublinhados são nossos)

Fica evidente que o problema, para o escrevente, não é a palavra em si, mas seu uso. Ou, mais ainda, em suas palavras, *o poder econômico ou influência espiritual* de algumas mulheres – eis o que o incomoda. Por meio de uma oração adjetiva restritiva (“mulheres que têm o poder econômico...”), além de caracterizar a mulher a quem se refere criticamente, remete à memória social a partir de um pré-construído, que serve para causar a impressão de dado inquestionável. O último período da carta não contém marca de citação de discurso de outro, nele todo o enunciado é assumido pelo enunciador. O escrevente se acredita autorizado a dizer quais pessoas receberam ou não o que chama de um “privilégio sagrado”. Termina em tom de manifesto, com direito a ponto de exclamação (ao que parece, uma tentativa de representar sua própria subjetividade no texto – pouco louvável, uma vez preconceituosa).

A carta denota um certo *ethos*, um certo tom, o de quem se acredita autorizado (por ser um homem religioso, talvez...) a falar de um lugar superior às mulheres e procura “colocar em seu devido lugar” aquelas que se autodenominam, a seu ver indevidamente, como pastoras ou bispas, já que não receberam esse privilégio (de quem? Segundo ele, de Deus). O texto deixa um vazio sintático no lugar de um objeto indireto (de acordo com a gramática normativa, recebe-se algo *de alguém*), simulando o efeito de que o privilégio não foi recebido, divinamente, dos céus pela mulher. A contraparte desse discurso é que os homens, por sua vez, receberam o privilégio diretamente de Deus.

Uma outra leitora contesta a carta (em réplica publicada no mesmo jornal, no dia 22/02/2005). Segue um trecho:

É sabido que estas escrituras foram escritas em épocas em que a mulher era totalmente submissa ao homem, não podendo demonstrar o seu desenvolvimento intelectual e religioso. Ora, senhor Dirceu, vivemos o século XXI, onde procuramos a igualdade, que Jesus Cristo sempre pregou, por isso é indispensável que as mulheres levem palavras de amor, fé e de paz aos homens. O sr. está sendo egoísta demais tentando calar mulheres que têm este tipo de iniciativa. Quando Jesus Cristo disse - “Onde uma ou mais pessoas estiverem reunidas em meu nome ali estarei...” ele não mencionou se estas pessoas eram homens ou mulheres. Espero que o sr. reflita e amplie seus conhecimentos, para que possamos juntos levar esperança aos homens. Deus o abençoe, e que Jesus Cristo ilumine o seu caminho. (S.A.S.)

O tom que a leitora procura assumir é ponderado. Se não o fosse, poderia recair no mesmo tom que critica em relação ao primeiro enunciador. Em busca de garantir a credibilidade de seus argumentos, a leitora faz uso do mesmo recurso que o primeiro leitor: a citação bíblica em discurso direto, atendo-se ao fato de que Jesus Cristo teria se referido aos seus fiéis como “pessoas” sem ter especificado se essas pessoas eram

homens ou mulheres. De certo modo, é incoerente que a leitora escreva “é indispensável que as mulheres levem palavras de amor, fé e de paz *aos homens*”. Compreende-se que, nesse trecho, a palavra “homens” significa “ser humano”. No entanto, pelo mesmo raciocínio que faz a respeito da citação bíblica, deveria, provavelmente, ter escrito “levem palavras de amor ... *às pessoas*”. Ou, caso Jesus tivesse dito “Onde um ou mais homens estiverem reunidos em meu nome ali estarei...”, o exemplo excluiria as mulheres e não serviria de citação para a leitora? O problema se encontra na interpretação que se dá aos textos bíblicos, e não na palavra exata que Jesus supostamente teria usado.

O uso de citação direta da bíblia por ambos os leitores, que enunciam de posições contrárias, pode ser respaldado também pela seguinte consideração de Bakhtin/Voloshinov: *Quanto mais forte for o sentimento de eminência hierárquica na enunciação de outrem, mais claramente definidas serão as suas fronteiras, e menos acessível será ela à penetração por tendências exteriores de réplica e comentário* (1929, p. 153).

Segundo Maingueneau (1996, p. 103), uma pergunta que se pode fazer em relação aos discursos citados é: *como integrar uma enunciação, o discurso citado, que dispõe de suas próprias marcas de subjetividade, de seus embreantes, numa segunda, o discurso citante, ligado a uma outra instância enunciativa?* A gramática descreve três processos que se distinguem pelas respostas que dão a essa pergunta. Segundo o senso comum, o discurso direto é a reprodução fiel de um discurso citado. Na verdade, o discurso citado de modo direto encena essa fidelidade, causando um efeito de objetividade ao argumento – efeito esse, por sua vez, respaldado na suposta permanência da subjetividade do enunciador primeiro (no caso, a bíblia) citado pelo enunciador segundo (os leitores que escrevem para o jornal). Assim, as cartas de leitores destacadas apresentam um efeito de objetividade de seus argumentos pela citação direta da bíblia. Simultaneamente, busca-se o efeito da presença subjetiva desse outro enunciador, a bíblia, cuja credibilidade é, supostamente, inquestionável. No entanto, a própria leitora da segunda carta coloca a credibilidade desse enunciador citável em questão: *é sabido que estas escrituras foram escritas em épocas em que a mulher era totalmente submissa ao homem*. Tal questionamento é evitado, por razões óbvias, pelo primeiro leitor.

#### 4. Considerações finais

O presente artigo procurou mostrar alguns efeitos de sentido provocados no discurso de leitores que tiveram suas cartas publicadas em uma coluna de um jornal veiculado no interior de São Paulo, tomando como base considerações acerca de formas marcadas de citação.

Considerada a concepção de subjetividade da análise do discurso francesa, não se tratou precisamente do exame dos *discursos dos leitores*, mas dos *discursos postos em circulação* por esses leitores.

Assim, o discurso de teor machista presente na carta do primeiro leitor é representativo de discursos machistas que circulam na sociedade, o que o torna mais grave. Embora tais discursos tenham hoje menos espaço de circulação, inclusive por

soarem “politicamente incorretos”, é grave que ainda circulem em pleno século XXI. Talvez os enunciadores que os ponham em circulação de maneira explícita sejam relativamente isolados, o que não quer dizer que tais discursos não encontrem lugar nos diversos espaços de circulação mais restrita que o jornal diário, ou mesmo em forma de brincadeira, nas piadas (o que não é menos relevante). Que dizer do discurso de uma mulher, vítima de violência doméstica, que, ao dar queixa na delegacia da mulher, produz um enunciado do tipo “*Eu até aceito traição, porque homem é homem, né? (...) mas não precisa fazer escancarado na cara da gente*”... O caso é relatado por Fiochi (2005, p. 157), que, para pesquisar o tema do crime passionai, freqüentou, durante alguns meses, a delegacia da mulher da cidade de São Carlos (SP).

Para concluir, vale enfatizar a relevância das análises das *práticas discursivas* (Maingueneau, 1987), reveladoras dos discursos que circulam nas sociedades, conseqüentemente, representativos dessas sociedades. Acreditamos que os discursos não sejam apenas um reflexo do social, mas que eles também sejam constitutivos das sociedades e, estudando-os, compreende-se melhor o social. A compreensão dos discursos passa pela análise de sua base lingüística, sendo as marcações de heterogeneidade mostrada um lugar pertinente para se explicitar processos lingüísticos que são relevantes na constituição dos discursos. Vimos, nas cartas dos leitores, que as formas de citação mostram, no fio do texto, posições ocupadas pelos enunciadores, por meio de palavras ou expressões das quais se aproximam ou se distanciam, revelando também alguns recursos utilizados para dar o efeito de credibilidade ao que dizem.

## 5. Referências bibliográficas:

- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a opacidade e a transparência*. Porto Alegre, Edipucrs, 2004.
- \_\_\_\_\_. (1982) “Heterogeneidade(s) enunciativa(s)”. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas (SP), V.19, dez. 1990, p.25-42.
- BAKHTIN/VOLOSHINOV. (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- FIOCHI, A. N. *Um outro lado da paixão: mulheres e relações violentas*. Livro reportagem apresentado como trabalho de conclusão de curso à Universidade Estadual Paulista, Unesp/Campus de Bauru. Bauru, 2005.
- MAINGUENEAU, D. (1987) *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3 ed. Campinas (SP): Editora Pontes, 1997.
- MAINGUENEAU, D. *Elementos de Lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- POSSENTI, S. Metaenunciação: uma questão de discurso e de relevância. In: *Os Limites do Discurso*. Curitiba (PR), Criar Edições, 2002. P. 75-89.